

O Prémio de Pintura João Barata 2000

A atribuição do Prémio João Barata de pintura, cuja primeira edição se realizou em 1991, assim como a exposição resultante do respectivo concurso que teve lugar durante o mês de Janeiro, veio uma vez mais salientar a importância cultural e pedagógica da acção da Galeria Barata no meio artístico nacional, e em particular na sua camada mais jovem.

Destacando uma obra de pintura que pelas suas características enuncie o trajecto de uma vocação e ao mesmo tempo de alguma maturidade, a atribuição do prémio constitui também uma aposta no futuro, e um motivo de incentivo para os jovens que querendo iniciar carreira, encontram no acolhimento desta Galeria a possibilidade de realizarem a sua primeira exposição individual no caso de receberem o primeiro prémio.

O júri de selecção e de premiação reunido em 1999, seleccionou 22 obras das 189 concorrentes - uma obra por autor - menos cinco do que na edição anterior para um total então, de apenas 147 obras. Tal como ocorreu no Prémio de 1998, foram atribuídos os três primeiros prémios e várias menções honrosas, respectivamente a Ana Catarina Sérgio (1º Prémio), Andreia Ribeiro (2º Prémio) e Marco Ayres Barreto (3º Prémio); e as menções honrosas a Cristina Póppe, Luís Valente e Cláudia Vaz.

Os jovens artistas premiados revelam de um modo geral uma formação específica em pintura, tendo nalguns casos participado anteriormente em exposições colectivas, e apresentando-se o restante conjunto da exposição coerente, mesmo em face de obras de correntes díspares.

Os três primeiros prémios procuraram precisamente dar conta dessa diversidade de preocupações e aptências. Ana Catarina Sérgio movimenta-se numa área onde a representação é não-figurativa, valorizando uma espacialidade onde o valor da mancha se constitui como protagonista. Corporizando uma forte tensão cromática entre vermelhos, brancos e o envolvimento em azul que é em simultâneo forma e fundo, a autora consegue transportar para a actualidade uma reavaliação de processos plásticos herdeiros de uma experiência expressionista e gestual, presentes na arte europeia há várias décadas.

Andreia Rebelo e Marco Ayres Barreto apresentam obras cuja problemática envolve a figura humana. O quadro de Andreia propõe uma leitura para o retrato. Numa monocromia exemplar, as figuras femininas em enquadramento fragmentado vivem de uma construção expressiva e rigorosa das formas e dos jogos de luz e sombra. Na ternura dos rostos recorta-se o branco dos lábios e dos olhos, e manifesta-se a angulosidade do queixo e a ossatura do corpo que se esconde por detrás da simplicidade do vestuário. Na realidade esta pintura, que sugere uma relação forte com o modelo/s assinala uma assimilação forte das presenças do cubismo e do expressionismo que tanto marcaram este século.

Marco Barreto numa pintura que oferece vários planos de leitura, sugerindo quase a presença de um écran, representa uma figura incompleta que se afasta para longe, num espaço que sugere um apeadeiro de comboios. Este prolonga o seu telhado, da imagem diurna para o seu lado oposto dominado pela escuridão, que se continua assim enigmaticamente como se a luz e a sua ausência convivessem em perfeita sintonia temporal, enquanto a cabeça da figura desapareceu, engolida por cartaz gigantesco que se confunde como o casario patente no último plano. Esta pintura explora a componente do absurdo, da ilusão, ao introduzir um factor de dúvida, de risco na leitura do quadro, e como tal questionando o modo da representação.

As menções honrosas exploram situações diversas: Cristina Poppe, que possui uma forte preparação em áreas afins à pintura, demonstra no seu diptíco uma mão feita ao desenho, e uma aproximação de mundos visuais diversos (o espaço do atelier, o modelo, o modelo/retrato e a pintura) coexistindo em continuidade formal. Luís Valente aproxima-se do universo expressivo de Mário Botas, assinalando uma capacidade retratística expressionista, e finalmente Cláudia Vaz dominando o uso da cor, da luz e das texturas, introduz um jogo formal estranho e apelativo.

As restantes obras manifestam preocupações distintas, assinalando por sua vez uma situação ainda de âmbito escolar, ou de autodidactismo, que exploram as nossas expectativas, no sentido de uma afirmação de uma maturidade promissora, no presente ainda numa fase inicial.

O conjunto das peças seleccionadas, se por um lado assinala uma forte consciência assumida do que é a pintura, enquanto elaboração de linguagens, também por outro lado, demonstra a necessidade de ultrapassar o conceito tradicional de pintura, não só através de processos materiais e técnicos diversos, mas explorando os limites da própria capacidade representativa, e do valor da imagem, situações que podemos antever de interessantes, não só no presente, mas naturalmente nos tempos mais próximos.